

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – PUC/SP

ANA CAROLINA COSTA DA FONSECA

A FOTOGRAFIA DOS DOIS LADOS DO MURO
Um estudo dos lares de Paraisópolis e do Morumbi sob o
ponto de vista da Semiótica e da Psicanálise.

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

São Paulo – SP
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COGEAE – PUC/SP

ANA CAROLINA COSTA DA FONSECA

A FOTOGRAFIA DOS DOIS LADOS DO MURO

Um estudo dos lares de Paraisópolis e do Morumbi sob o
ponto de vista da Semiótica e da Psicanálise.

Especialização em Semiótica Psicanalítica – Clínica da Cultura

Monografia de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu, requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Semiótica Psicanalítica, promovido pela Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trabalho sob orientação da Profa. Dra. Isabel Victoria Galleguillos Jungk.

São Paulo – SP

2018

Para minhas queridas avós, Regina
Elena e Manon, que sempre fizeram de suas
casas minhas melhores memórias.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é o resultado de dúvidas da minha infância que puderam ser exploradas e respondidas graças a ferramentas, conceitos e metodologias bastante fundamentadas. Por isso, em primeiro lugar, agradeço a Isabel Jungk, pela empolgação desde nossa primeira conversa e sua orientação e dedicação ao longo deste último ano.

À minha mãe e ao meu pai, que sempre me permitiram enxergar os dois lados de qualquer muro com curiosidade e generosidade. E aos meus irmãos que me incentivaram sempre a procurar saber mais.

Ao Thiago, agradeço pelo grande incentivo. Enquanto construíamos a nossa casa, passei um bom tempo estudando outras, e mesmo assim ele me deu muita força!

Aos meus amigos e familiares, pela paciência e pelo apoio.

Aos queridos professores da PUC-SP, por todo o ensinamento, mas também por me ouvir e incentivar a minha curiosidade. A eles, toda a minha admiração.

Por fim, agradeço a minha psicanalista Mai Lacorte (*in memoriam*), que teve papel fundamental ao tangibilizar a cada sessão os conceitos aprendidos em aula.

A todos, muito obrigada!

casa

ca·sa

sf

- 1 Construção destinada a moradia.
- 2 Domicílio de um grupo de pessoas que vivem sob o mesmo teto.
- 3 Linhagem nobre.
- 4 A reunião de bens de uma família.
- 5 Conjunto de assuntos domésticos.
- 6 Reunião de objetos indispensáveis a um domicílio.
- 7 Local que se destina a reuniões temáticas.
- 8 Lugar destinado a moradia de religiosos.
- 9 Estabelecimento para fins comerciais.
- 10 Denominação dada a algumas repartições públicas.
- 11 Grupo de pessoas a serviço do chefe de Estado.
- 12 Subdivisão de uma caixa ou tabuleiro etc.
- 13 Cada um dos espaços separados por traços em qualquer tipo de impresso.
- 14 Divisão dos tabuleiros de xadrez e de dama.
- 15 Cavidade hexagonal da colmeia.
- 16 Abertura em peças do vestuário por onde passam botões.
- 17 Década etária das pessoas.
- 18 Ponto na tabela em que há interseção da linha e da coluna.
- 19 Divisão do céu em 12 partes, feita pelos astrólogos, relativa aos 12 signos zodiacais.
- 20 Quantidade de pessoas para assistir a um espetáculo em um local.

A fotografia dos dois lados do muro: Um estudo dos lares de Paraisópolis e do Morumbi sob o ponto de vista da Semiótica e da Psicanálise.

Ana Carolina Costa da Fonseca

RESUMO

Este estudo tem como principal objetivo compreender se as diferenças observadas superficialmente entre o bairro do Morumbi e a comunidade de Paraisópolis, reforçadas pelo senso comum, são realmente verdadeiras. Por meio das teorias da Semiótica e da Psicanálise, em uma abordagem comparativa, fotografias dos lares do bairro e da comunidade foram analisadas. A Semiótica, com suas tipologias sógnicas, apesar de evidenciar alguns aspectos importantes que justificam a real distância entre os grupos que habitam os dois lados deste muro que os divide, principalmente por uma questão estética, levanta uma hipótese de que esta pode ocorrer apenas por uma questão econômica. A Psicanálise, com seus três registros, por sua vez, confirma que, possivelmente, a proximidade entre eles é maior do que se imagina, pois as motivações podem ser bastante similares, muito pautadas pela busca daquilo que falta. Por fim, uma pesquisa qualitativa com habitantes destes lugares corrobora a hipótese levantada pela Psicanálise, confirmando uma maior proximidade entre os dois lados do muro do que se imagina no senso comum. Como conclusão, pode-se sugerir a queda deste muro imaginário e uma convivência mais próxima e colaborativa entre estes dois lados, ajustando inclusive a nomenclatura de Paraisópolis, que não deveria mais ser chamada de comunidade, para ser nomeada também como bairro, da mesma forma que o Morumbi.

Palavras-chave: Análise semiótica. Imaginário. Fotografia. Comunidade. Bairro.

The photograph from two sides of the wall: An analysis of Paraisópolis' and Morumbi's households by Semiotical and Psychoanalytical perspectives.

Ana Carolina Costa da Fonseca

ABSTRACT

The present analysis aims to understand if the differences superficially observed between Morumbi's neighborhood and Paraisópolis' community, reinforced by common sense, are really true. Through Semiotics and Psychoanalysis, and using a comparative approach, pictures of the neighborhood's and the community's households were analyzed. Semiotics, with its typology of signs, despite of pointing some important aspects that can legitimate the real distance between the groups that live separated by that wall, especially if the aesthetic perspective is considered, raises the hypothesis that it only happens because of an economic problem. Psychoanalysis, through its three registers, on the other hand, confirms that the closeness between them is larger than imagined, because the motivations of their inhabitants are very similar, which are based on the search of what is missing for them. Lastly, a qualitative research with residents of these places confirms the psychoanalytical hypothesis, demonstrating that the proximity of the two sides of the wall is really larger than imagined by common sense. To conclude, it was suggested that this imaginary wall should fall and that a closer and more collaborative coexistence among the people living in different sides of it should be encouraged. It was also suggested changing Paraisópolis' label, which means not calling it a "community" anymore, but also a "neighborhood" as Morumbi is called.

Keywords: Semiotical analysis. Imaginary. Photography. Community. Neighborhood.

SUMÁRIO

Introdução: São mesmo tão diferentes?, 9

1) A distância entre o Morumbi e Paraisópolis segundo a semiótica, 12

1.1) A imagem como signo, 13

1.2) Os três pontos de vista semióticos, 17

1.2.1) Qualitativo-icônico, 18

1.2.2) Singular-indicativo, 23

1.2.3) Convencional-simbólico, 25

1.3) A imagem pode mentir?, 30

2) A proximidade entre o bairro do Morumbi e a favela de Paraisópolis segundo a psicanálise, 32

2.1) O lar como nosso “canto no mundo”, 32

2.2) Os três registros lacanianos, 37

2.2.1) A casa pelo registro do simbólico, 39

2.2.2) O lar pela perspectiva do imaginário, 41

2.3) A falta como ponto em comum, 43

3) As referências de ambos os lados do muro, 45

3.1) Os pontos de vista de seus habitantes, 45

3.2) O papel da mídia e da propaganda nesse contexto, 49

3.3) As referências bilaterais: o papel das novelas, 52

Considerações Finais, 54

Referências Bibliográficas, 56

Anexos, 58

Introdução: São mesmo tão diferentes?

Durante a vida, somos expostos a diversas situações em que devemos analisar as diferenças e as semelhanças ali propostas, comparando nossas famílias com as de colegas, bens materiais entre amigos, comportamentos, etc.

Algumas destas comparações se tornam o que chamamos de “senso comum” e muitas vezes não nos questionamos o porquê delas, a não ser quando um fato chama realmente atenção. Um exemplo era a grande diferença entre pessoas que nasciam em países diferentes. Considerávamos estrangeiros extremamente diferentes de brasileiros em termos comportamentais. Com a internet e a globalização, este fato não é mais, necessariamente, verdade.

Com estes questionamentos, surgem também perguntas importantes sobre o senso comum existente no nosso dia a dia, perto de onde moramos. As diferenças que são impostas, inclusive, em nossas próprias casas.

Como moradora do Morumbi, portanto, uma das questões que sempre levantei é se o muro entre o bairro e Paraisópolis realmente existe. Apesar de sua estética diferente, as motivações dos dois lados deste muro também são diferentes? Os rótulos de “favela” e “bairro” os afastam ainda mais?

Para responder a essas questões, este projeto se propõe a analisar, por meio da Psicanálise e da Semiótica, com uma abordagem comparativa, o imaginário e o simbólico do lar do brasileiro, focando especialmente nas habitações de Paraisópolis e do Morumbi – locais hoje separados apenas por um muro.

Utilizando como base as fotografias internas dos lares de Paraisópolis de Renata Castello Branco em seu livro “Uma cidade dentro da outra” e comparando-as com imagens de casas do Morumbi, realizadas por mim especialmente para este estudo, terão grande evidência a arquitetura, decoração, seus objetos e suas disposições.

O estudo dos lares de Paraisópolis frente aos do Morumbi busca, portanto, chegar um pouco mais próximo da resposta de como nós, seres humanos, nos fazemos tão distantes por meio de nossas escolhas e entender o quanto somos de fato diferentes. Ou, se somos mais parecidos do que imaginamos.

Desta forma, este projeto nos convoca para uma reflexão e nos coloca diante da investigação dessas nuances entre o que nos é apresentado via as imagens e os porquês que estão ali escondidos.

Essa dualidade “perto x longe” deve permear todo o estudo, principalmente, com o intuito de investigar a hipótese de que o desejo, a motivação e o gozo dos dois lados estão muito mais perto do que se imaginam, mesmo que os signos encontrados nesses lares pareçam estar bastante distantes.

Por isso, no capítulo 1, os conceitos da Semiótica foram estudados e aplicados de maneira comparativa entre as imagens de Paraisópolis e do Morumbi para constatar, de fato, a distância visual de ambos os lados.

No capítulo 2, por sua vez, foram abordados os conceitos da Psicanálise com o intuito de compreender, via, os três registros lacanianos, as motivações por trás das escolhas realizadas por aqueles que habitam esses lares. A busca destes moradores pelo que falta, portanto, passa a reger as semelhanças existentes nas fotografias analisadas e explica uma grande proximidade entre eles.

Desta forma, uma análise mais profunda das ideias e opiniões destes habitantes fez-se necessária no capítulo 3, em que foram entrevistadas duas moradoras: uma de Paraisópolis e uma do Morumbi, com o intuito de compreender suas motivações. Em paralelo, uma análise da mídia também foi realizada.

Por fim, esta pesquisa nos leva a acreditar que a proximidade de Paraisópolis e do Morumbi é muito maior do que seus moradores possam

imaginar, comprovando a hipótese inicial de que, apesar de bastante diferentes em termos estéticos, os lares dos dois lados do muro são muito semelhantes, quando compreendemos as motivações que estão por trás deles.

Capítulo 1

A distância entre o Morumbi e Paraisópolis segundo a semiótica

distância

dis·tân·ci·a

sf

1 Extensão retilínea do espaço entre pessoas ou objetos; espaçamento, distanciamento.

2 Grande extensão de espaço que separa duas pessoas, dois objetos ou dois lugares; lonjura.

3 Ato ou efeito de tomar distância; distanciamento, afastamento, separação.

4 Lapsos de tempo transcorrido entre dois momentos, fases ou épocas.

(Dicionário Michaelis on-line – 2018)

Em uma breve passagem pela Avenida Giovanni Gronchi, no bairro do Morumbi, em São Paulo, percebe-se uma grande proximidade entre dois mundos que em outras cidades ou países são tão distantes: prédios de luxo e casas muito simples e pobres convivem lado a lado.

Esse fator existente em São Paulo chama muito a atenção de quem vive por ali ou passa diariamente pelo local, pois fisicamente a distância não ocorre. No entanto, imagina-se que, no que toca a vida de quem mora de um lado ou de outro desse “muro” que os separa, tudo é diferente.

Tudo começa do fato de poucos daqueles habitantes conhecerem o outro lado do muro. A vida na comunidade pobre só é imaginada por aqueles que moram em prédios de luxo: pobreza, escassez, fome, necessidade... Enquanto o contrário também é verdadeiro. Os que moram nas comunidades têm um imaginário fértil sobre a vida daqueles que vivem no luxo, especialmente por todo o repertório que lhes é dado via a televisão: riqueza, abundância, exagero...

Portanto, percebe-se que a Semiótica assume um papel importante ao analisar os signos que regem as pessoas que ali vivem, ajudando a tornar as interpretações menos óbvias e mais pautadas em argumentos.

Sendo assim, a fotografia se faz de grande valia para nos ajudar a comparar o interior desses lares, indo além de uma interpretação rasa da

magnitude dos prédios de luxo *versus* as casas muitas vezes ainda não acabadas.

1.1) A imagem como signo:

Nesse estudo, a protagonista é a fotografia. Por meio dela, poderão ser aplicadas as análises semióticas e psicanalíticas aqui propostas. Isto porque, acredita-se que esse é o meio mais justo para interpretação, pois ele minimiza os possíveis vieses de qualquer explicação verbal ou mesmo corporal das pessoas que habitam os lares fotografados.

Em uma análise preliminar das fotografias retiradas em Paraisópolis e no Morumbi, percebe-se que, ao compará-las em um primeiro momento, algumas conclusões podem ser tiradas rapidamente. A sensação dessa interpretação instantânea é semelhante à identificação de algo tão óbvio como sinais de trânsito ou de marcas que estão no nosso dia a dia e conhecemos a fundo. Isto porque, essas imagens parecem falar por si só. No entanto, ao interpretá-las, faz-se necessário o discurso verbal.

Em *Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia*, Lucia Santaella e Winfried Nöth (2015, p. 14) explicam exatamente essa questão quando comparam a língua à imagem:

As imagens são um sistema semiótico ao qual falta uma metassemiótica: enquanto a língua, no seu caráter metalinguístico, pode servir, ela própria, como meio de comunicação sobre si mesma, transformando-se assim num discurso autorreflexivo, imagens não podem servir como meios de reflexão sobre imagens. O discurso verbal é necessário ao desenvolvimento de uma teoria da imagem.

Entendido que o caráter verbal é extremamente necessário para a interpretação dessas fotografias, é importante compreender também a necessidade de utilização de diversas ferramentas de análise, sejam elas mais ou menos estruturadas. Neste trabalho, como será colocado mais a frente, além da Semiótica e da Psicanálise, o uso de uma ferramenta qualitativa de pesquisa também nos ajuda a interpretar questões importantes e validar

hipóteses, o que Santaella e Nöth (2015, p. 13) haviam colocado como ponto importante do estudo das imagens:

Imagens têm sido meio de expressão da cultura humana desde as pinturas pré-históricas das cavernas, milênios antes do aparecimento do registro da palavra pela escritura.

[...] O estudo da imagem é um empreendimento interdisciplinar.

Portanto, percebe-se que o grande valor deste trabalho está em justamente unir visões e interpretações diferentes sobre imagens que estão aqui para representar lugares. Sendo esses bastante interessantes uma vez que apresentam, na Semiótica, signos e significados muito diferentes, mas sob alguns aspectos muito semelhantes.

Isto porque, para o conceito de representação encontram-se definições muito diversas, como observado por Santaella e Nöth (2015, p.16):

O âmbito de sua significação situa-se entre apresentação e imaginação e estende-se, assim, conceitos semióticos centrais como signo, veículo do signo, imagem (representação imagética), assim como significação e referência.

Por isso, torna-se muito importante, antes de qualquer análise, compreender o papel do signo dentro da Semiótica, que surge a partir da Fenomenologia pelo olhar de Peirce. Em *Semiótica Aplicada*, Santaella (2015, p. 8) resume o conceito de signo:

O signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo, etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo.

Neste caso, como dito anteriormente que algumas conclusões puderam ser tiradas facilmente das fotografias, podemos identificar as imagens fotográficas como signos de um objeto do signo, que pode ser uma imagem de

Santo Antônio em cima de uma mesa da sala de um apartamento, por exemplo, e que produz um efeito interpretativo rápido: “alguém que mora nessa casa é de uma religião cristã ou devoto deste santo”, o que chamamos de interpretante do signo.

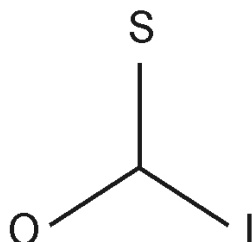


Fig. 1- Esquema triádico do signo segundo Peirce (JUNGK, 2011, p. 27)

O signo, portanto, representa algo concreto que pode gerar diversos interpretantes, dependendo diretamente do contexto em que é colocado. Por isso, precisamos considerar sempre o momento em que as interpretações das imagens aqui colocadas estão sendo realizadas, bem como o objetivo das mesmas, que neste caso é a aplicação da teoria apreendida neste curso. Se os fins fossem comerciais, por exemplo, outra interpretação poderia ser dada.

Desta forma, faz-se importante passar nesse momento pela complexidade maior da qual o signo faz parte para entender o seu contexto. Em “*Semiótica Aplicada*”, Santaella (2015, p. 7) apresenta os três elementos de Peirce, as categorias que são essenciais para a compreensão do signo:

Os estudos que empreendeu levaram Peirce à conclusão de que há três, e não mais que três, elementos formais e universais em todos os fenômenos que se apresentam à percepção e à mente. Num nível de generalização máxima, esses elementos foram chamados de primeiridade, secundidade e terceiridade.

Cada uma dessas categorias têm sua própria definição e pode ser encontrada em diversos tipos de fenômenos. Santaella e Nöth (2015, p. 147) mostram que:

A categoria da primeiridade é, segundo Peirce, a forma de ser daquilo que é como é, positivamente e sem nenhuma referência a qualquer outra coisa. Ela é a categoria da presença imediata, do sentimento irrefletido, da mera possibilidade, da liberdade, [...]

A categoria da secundidade baseia-se na relação de um primeiro a um segundo. Ela é a categoria do confronto, da experiência no tempo e no espaço, do fatural, da realidade, da surpresa [...]

A categoria da terceiridade põe um segundo em relação a um terceiro. Ela é a categoria da mediação, do hábito, da lembrança, da continuidade [...] da representação ou dos signos.

A fotografia, portanto, se encontra também na categoria da terceiridade, pois ela impõe uma representação, ela é um signo de um objeto mais amplo. E por isso, vale compreender as três classificações em que os signos podem ser divididos, como de maneira resumida cita Santaella (2015, p. 16):

- **qualitativo-icônico (ícone):** representa o objeto por semelhança. É mais descritivo.
- **singular-indicativo (índice):** apresenta qualidades próprias ao representar o objeto. Possui qualidades que o caracterizam.
- **convencional-simbólico (símbolo):** representam o objeto por meio de convenções sociais. É lei.

Como signo, portanto, a fotografia pode funcionar tanto como um ícone, pois ela se assemelha ao que está sendo representado, como um índice, pois ela corresponde à interpretação de um objeto por alguém que possui seu repertório e contexto.

No entanto, neste trabalho, trataremos as fotografias como índices. Embora todas elas apresentam um viés do fotógrafo ao serem retiradas, ou seja, a escolha do ângulo e dos objetos a serem representados de um espaço maior, excluindo outros objetos que poderiam mudar o rumo da interpretação ao estudar esses ambientes, dessa maneira adicionando às imagens um caráter arbitrário, seu caráter indicativo ainda predomina, como explicado por Santaella e Nöth (2015, p. 152):

Um índice mostra seu objeto e dirige a atenção do observador diretamente para esse objeto, embora o objeto tenha que ser um objeto singular e existente na realidade. O protótipo da imagem indexical é, de acordo com essas premissas, a fotografia [...]

Portanto, a partir deste momento sempre consideraremos a imagem como indicativa de seus objetos, contudo, elas não poderão representar todo o contexto em que estão inseridas, mesmo quando analisados os aspectos icônicos e simbólicos dos mesmos.

1.2) Os três pontos de vista semióticos:

Apesar da fotografia ser entendida como prioritariamente indexical, podemos utilizá-las para fins acadêmicos para entender os três aspectos da semiótica, pois as três categorias estão sempre presentes em todos os fenômenos, como observado por Santaella e Nöth (2015, p.154):

Há duas direções nas quais fotografias podem afastar-se da sua secundidade característica, por um lado, na direção da primeiridade, por outro, na direção da terceiridade. Uma degeneração da fotografia em direção à primeiridade de um quali-signo encontra-se na fotografia artística que não significa nada, mas que apresenta meros padrões estruturais abstratos e algumas fotografias enigmáticas, antes do momento em que o adivinhador encontra a solução. [...] A fotografia tende tipicamente em direção à terceiridade na fotografia científica e na propaganda. Em ambos os casos, o fotógrafo pode somente representar algo individual, mas sua ambição é generalizar.

Neste caso, utilizaremos a fotografia como meio para compreensão de aspectos da Semiótica, considerando o lar como o nosso principal objeto, que por sua vez gera diferentes interpretantes que aqui buscam ser estudados.

Desta forma, busca-se aplicar a teoria da Semiótica para, ao comparar as fotografias dos dois lados existentes, confirmar ou descartar a hipótese de que existe, de fato, uma grande distância entre o bairro do Morumbi e a comunidade de Paraisópolis.

A partir deste momento, portanto, serão utilizadas imagens do livro Paraisópolis – uma cidade dentro da outra, de Renata Castello Branco, com imagens realizadas pessoalmente, no bairro do Morumbi, com o intuito de compará-las e assim possibilitar a análise das hipóteses existentes.

1.2.1) Qualitativo-icônico

Os signos como ícones, ou a classificação qualitativa-icônica, tem sempre um caráter descritivo. Isto porque, eles mesmos determinam os seus objetos dinâmicos, o que pode tornar mais simples a sua interpretação.

Nestes casos, espera-se uma maior unicidade de interpretações do mesmo objeto mesmo que por pontos e vistas diferentes.

Por ser mais descritivo, um bom exemplo seria “o estacionamento está muito cheio, deve ter muita gente no shopping”. Por ser uma percepção lógica e descritiva, isso se torna comum a muitos que chegam àquele ambiente.

Quando passamos a comparar os signos icônicos existentes nos lares de Paraisópolis versus aqueles do Morumbi, a mesma lógica aparece. A primeira delas diz respeito às cores e combinações escolhidas, conforme podemos observar nas fotografias a seguir.

Ao analisarmos cozinhas de dois lares, observamos diferenças significativas nas cores escolhidas: em Paraisópolis, predomina a cor, em tons vivos, enquanto no Morumbi, o branco, cinza e preto sobressaem.



Figuras 2 e 3 - Fotografias de cozinhas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Enquanto o branco se coloca em detalhes em Paraisópolis, as cores têm esse mesmo papel no Morumbi. Pode-se observar inclusive a inclusão de cores nos objetos brancos, como é o caso da geladeira da imagem a seguir com diversos ímãs, em Paraisópolis, não permitindo o espaço vazio (branco) naquela cozinha.



Figuras 4 e 5 - Fotografias de geladeiras em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

As cores mais sóbrias no Morumbi e mais vivas em Paraisópolis continuam a ser observadas em outros cômodos dos lares, como por exemplo nas salas, conforme vemos nas fotografias a seguir. Nesse caso, ainda se destaca o amarelo em Paraisópolis enquanto novamente o branco sobressai no Morumbi.

Outro aspecto importante aqui observado nessas fotografias é com relação aos espaços – enquanto em Paraisópolis esses são restritos, com poucos lugares nos sofás, uma metragem menor, por outro lado, no Morumbi, observam-se tamanhos de ambientes maiores, muitas vezes com mais de uma sala de estar e inclusive mais de dois sofás. O que é resultado de um aspecto sócio-econômico importante: cada metro quadrado a mais custa mais para o morador e portanto quem está melhor economicamente possui maior probabilidade de possuir espaços maiores.



Figuras 6 e 7 - Fotografias de salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

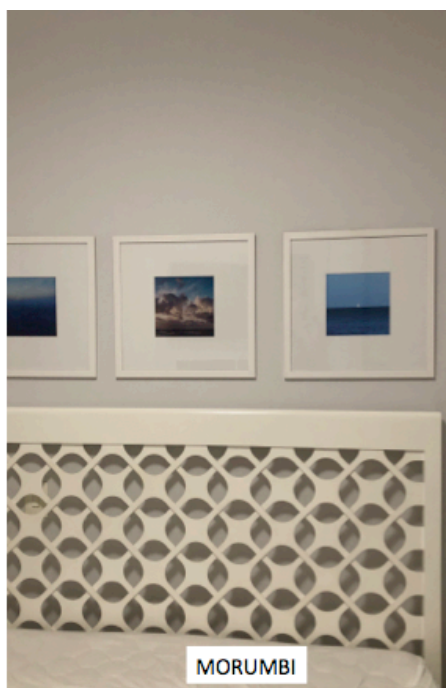
No entanto, a relação do tamanho do espaço com a quantidade de objetos colocados nele não é direta.

Apesar de no Morumbi os espaços serem maiores que em Paraisópolis, observa-se uma preocupação em manter esses lares “clean”, expressão muito utilizada nesse meio social para denotar que o ambiente é claro, amplo, limpo, sem muitos objetos que venham a poluir visualmente o local. Por isso, esses ambientes são brancos, com poucos pontos de cor.

Por outro lado, em Paraisópolis, apesar de lares menores, com cômodos com menor metragem, observa-se menos preocupação com a quantidade de objetos. Observamos diversos estímulos visuais, em tamanhos grandes e com cores diversas, seja na sala ou no quarto, como pode ser observado nas fotografias a seguir.



Figuras 8 e 9 - Fotografias de salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).



Figuras 10 e 11 - Fotografias de quartos em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

1.2.2) Singular-indicativo

No caso do signo como índice, existe um fator interpretativo mais forte, uma vez que qualidades são inseridas nessa análise. O seu objeto imediato passa a ser um designativo, pois direcionamos a mente do intérprete para o objeto dinâmico.

Nesse caso, vale iniciar a nossa análise pelo simples fato da nomenclatura dada ao Morumbi, como bairro, e à Paraisópolis, como favela ou comunidade, mais recentemente.

Ao designarmos o Morumbi como bairro, consideramos esse como parte de um todo que é a cidade de São Paulo, bem como outros bairros, como Jardins, Itaim, Perdizes. Sendo esses definidos no dicionário como: “porção de território, povoado nas cercanias de uma cidade, povoado, arraial, distrito, cada uma das partes em que se divide uma cidade ou vila, para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar administração pública mais eficaz” (Dicionário Michaelis *on-line*, 2018).

Por outro lado, quando Paraisópolis é colocada como favela, essa é considerada pelo dicionário como “conjunto de habitações populares precariamente construídas e desprovidas de infraestrutura (rede de esgoto, abastecimento de água, energia, posto de saúde, coleta de lixo, escolas, transporte coletivos, etc)” (Dicionário Michaelis *on-line*, 2018). No entanto, essa nomenclatura, embora ainda muito utilizada, vem caindo em desuso principalmente para Paraisópolis, que vem sendo chamada de “comunidade”.

Como comunidade, Paraisópolis passa a ter diversos significados, sendo alguns deles mais apropriados: “conjunto de pessoas que vivem numa mesma região, com o mesmo governo, e que partilham as mesmas condições históricas e/ou culturais; população que vive em um determinado local ou região, ligada por interesses comuns”, ou neste caso, o mais apropriado: “grupo de pessoas com características comuns, inseridas numa sociedade

maior que não compartilha de suas características básicas” (Dicionário Michaelis *on-line*, 2018).

Se analisarmos a comunidade sob esse aspecto, com características básicas diferentes do bairro, conseguimos enxergar claramente esse muro “imaginário” entre Paraisópolis e o Morumbi. E é desta forma que se enxerga essa distância Semiótica “do lado de fora”, pela Avenida Giovanni Gronchi, atualmente. Tanto pelos moradores de Paraisópolis, quanto do Morumbi. A distância se torna clara.



Figuras 12 e 13 - Fotografias dos lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (Pinterest.com, 2018)¹.

No entanto, deve-se continuar considerando a proximidade física, mesmo do aspecto semiótico, para avaliar se essa característica poderia de alguma forma influenciar na maneira que as duas comunidades, porque pelos significados podemos denominar assim, de fato são duas ou se, de alguma forma fazem, parte do mesmo “todo”, se complementando.

¹ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/459296861975031178/>, acesso em 24/06/2018.



Figura 14 - Fotografias de lares de Paraisópolis e do Morumbi (Folha de São Paulo Online, 2011)².

1.2.3) Convencional-simbólico

Chegando ao terceiro ponto de vista semiótico, entendemos o signo como símbolo, capaz de representar o objeto por convenções sociais – as leis.

Neste caso, as relações lógicas são muito importantes e o contexto é chave para essa interpretação – uma análise de um brasileiro, por exemplo, sobre uma comunidade provavelmente será muito diferente da mesma análise de um europeu, que não viveu ou possui pouco repertório sobre a cidade de São Paulo, seus problemas sociais e a existência desses cortes geográficos.

Nesse contexto, portanto, podemos encontrar diversos símbolos sob os mais diferentes aspectos. O primeiro deles, nessa análise, representado pelas

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/970685-morumbi-padece-com-problemas-de-violencia-e-infraestrutura.shtml>, acesso em 24/06/2018.

imagens a seguir é o religioso. Durante a comparação das fotografias, pode-se observar mais de dezenas de demonstrações religiosas nesses lares. Uma curiosidade é que durante a pesquisa todos os lares apresentaram alguma, mesmo que mínima, referência religiosa – podendo-se comprovar o alto nível de influência das crenças religiosas no Brasil.

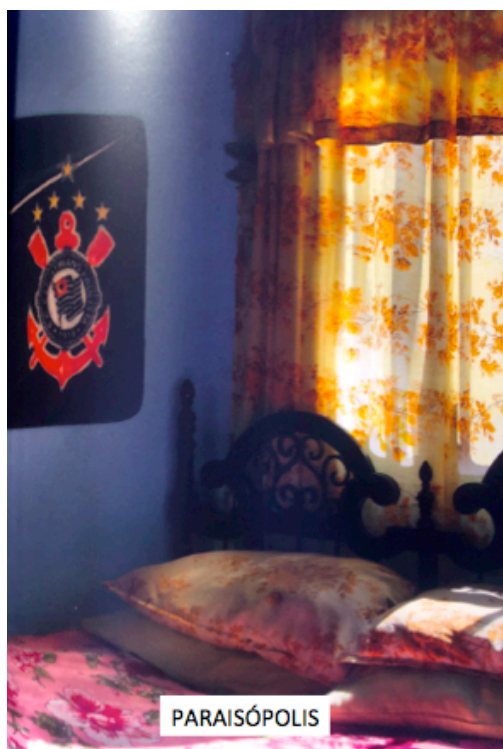
No entanto, outro fator foi importante com relação a esses símbolos: na maior parte dos lares de Paraisópolis, a mistura de crenças diferentes foi muito recorrente, como pode ser observado na fotografia a seguir – imagens de santos, candomblé, espiritualismo e outras religiões conviviam perfeitamente juntas. Por outro lado, no Morumbi, a religião católica cristã dominava sozinha, com suas imagens de santos e as bíblias.



Figuras 15 e 16 - Fotografias de imagens religiosas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Além da valorização de símbolos religiosos, os times de futebol também aparecem com bastante frequência em ambos os lares. A grande diferença se dá na forma em que eles são expostos. Assim como na análise dos ícones, percebe-se uma preferência por símbolos discretos e pequenos no Morumbi, como pode-se observar na fotografia a seguir, o símbolo do São Paulo Futebol

Clube em um chaveiro. Enquanto em Paraisópolis o símbolo do time do Corinthians estampa parte da parede do quarto.



Figuras 17 e 18 - Fotografias de imagens de times de futebol em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

A forma de exposição, portanto, explica bastante o peso desses símbolos dentro do lar. Isso pode ser observado também a seguir, nas imagens, de como são expostas as fotografias da família, com um espaço maior dedicado a elas na parede da sala em Paraisópolis, enquanto em um porta retrato em meio a outros objetos de decoração no Morumbi.



Figuras 19 e 20 - Fotografias de porta-retratos em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

O mesmo ocorre com o bloco de notas com os telefones dos familiares, que em Paraisópolis se dá em um largo espaço da parede, enquanto no Morumbi se apresenta em um bloquinho no escritório de trabalho.



Figuras 21 e 22 - Fotografias de anotações em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Ou mesmo com a forma que as roupas são estendidas no varal. Em Paraisópolis elas demonstram conquistas, por isso são expostas na porta de casa. Enquanto no Morumbi, não são vistas dessa forma, colocadas, portanto, no varal nos fundos do apartamento, em uma área de serviço.



Figuras 23 e 24 - Fotografias de roupas penduradas no varal em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Pode-se concluir, portanto, que no caso dos símbolos, as diferenças entre Paraisópolis e Morumbi estão muito mais voltadas a sua exposição e importância do que, de fato, a simbologias e significados muito distintos.

Ao primeiro olhar, por serem expostos de maneiras diferentes, o muro entre os dois lados se fortalece, indicando diferenças significativas e separando esses dois mundos. No entanto, ao olhar com mais cuidado, faz-se necessário aprofundar essa análise questionando se realmente essa distância é real ou se a proximidade entre Paraisópolis e Morumbi não é apenas física.

1.3) A imagem pode mentir?

Ao analisar sob o ponto de vista semiótico o Morumbi versus Paraisópolis, percebemos que há de fato uma distância no sentido da imagem dos dois lados do muro, apesar de sua proximidade física também já constatada.

No entanto, percebe-se também que algumas motivações podem ser as mesmas, mesmo que escondidas por trás de exposições diferenciadas, devido a maior importância de um objeto em detrimento de outro, ou mesmo por conta de uma nomenclatura diferenciada: bairro x comunidade.

Por isso, é bastante importante que exista uma discussão mais profunda para compreender os aspectos comportamental e motivacional para que essas diferenças ocorram, além do que foi observado. Como já foi notado por Santaella e Nöth (2015, p. 203):

Apesar de estar claro que as imagens podem referir-se tanto à realidade fática quanto ao irreal, a questão de transmitirem uma verdade ou uma mentira permanece em discussão. Qual o potencial semiótico das imagens? Será que elas podem expressar ideias que correspondam às mensagens verbais no seu todo, como sugere o provérbio 'Uma imagem vale mil palavras', ou será que seu potencial semiótico de uma imagem é inferior ao da língua, em uma certa medida, visto que uma imagem é necessariamente vaga e em princípio incapaz de representar qualquer verdade sobre o mundo, como querem certos semioticistas? Se as imagens não podem dizer a verdade, também deve ser impossível usá-las para transmitir uma mentira.

Portanto, consideraremos a partir desse ponto que essas imagens, mesmo que verdadeiras, pois também não tem capacidade para mentir, não valem mais que mil palavras e, por isso, devemos investigá-las com outras ferramentas. Assim, serão compreendidas as motivações não expressas e capturadas por uma só imagem ou em uma primeira conversa rápida. O aprofundamento e o questionamento terão grande valia nesse caso, e a teoria

psicanalítica e ferramentas como pesquisa qualitativa complementarão o desenrolar da confirmação das hipóteses colocadas por este trabalho. Até porque, o Morumbi e Paraisópolis podem estar muito mais próximos do que pensamos inicialmente, e a Semiótica já começa a nos indicar esse possível caminho.

Capítulo 2

A proximidade entre o bairro do Morumbi e a favela de Paraisópolis segundo a psicanálise

proximidade
pro·xi·mi·da·de
(ss)
sf

1 Condição ou caráter do que é ou está perto ou próximo de; contiguidade, vizinhança:

2 Pequena distância ou pequeno espaço de tempo.

3 Semelhança ou afinidades entre pessoas, levando-se em consideração suas ideias, seus sentimentos, suas qualidades etc.

(Dicionário Michaelis on-line – 2018)

Da mesma forma que a distância entre os lares do Morumbi e de Paraisópolis pode ser observada em um passeio breve pela Avenida Giovanni Gronchi, a proximidade destes dois “mundos” também é notada.

Isto ocorre tanto do ponto de vista físico, uma vez que esses prédios e casas se encontram muito próximos, compartilhando as mesmas ruas e calçadas, mas também do ponto de vista social. Pode-se observar facilmente o convívio frequente entre os moradores dos dois locais, principalmente em estabelecimentos comerciais, como supermercados, shoppings e restaurantes.

Isto posto, vale compreender o quanto essa proximidade física e social pode influenciar a relação destes moradores com suas casas.

2.1) O lar como nosso “canto no mundo”

A pesquisa sobre o lar e os seus signos é predominantemente realizada pela perspectiva da arquitetura e do design, reduzindo o potencial do estudo comparativo aqui presente, uma vez que se aprofunda nas questões estéticas, deixando de fora uma análise mais abrangente dos significados destes lares para seus moradores.

No entanto, em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1978, p.201) passa a estudar a casa, ou o lar, não como objeto central, mas como parte importante e agregadora da vida do homem:

Antes de ser jogado no mundo, o homem é colocado no berço da casa. [...] é necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz.

Andrea Menezes Masagão em *Habitats* (2013, livro 1 p.12), também coloca a casa como objeto importante na construção da identidade do homem:

A identidade sustenta-se na crença da existência de uma morada onde o ser encontra-se em uma relação de adequação com o habitar. Adequação celebrada pelos poetas através das figuras do ninho e da cabana, imagens que tecem a tela da intimidade. A casa ninho, tal qual uma vestimenta, supõe uma adequação natural entre o corpo e o habitat, como forrado a nossa medida.

O entendimento da casa como “ninho” é a base para o entendimento do papel da casa e do lar na vida humana. Ao utilizarmos esta analogia, podemos compreender a importância do lar, inclusive prévia ao nascimento, uma vez que se sabe que as aves constroem seus ninhos para que estejam prontos antes de os ovos se chocarem. O conforto e a certeza de um local de “pouso” é importante para configurar esses seres em seus primeiros dias de vida. O mesmo se dá para os indivíduos da nossa espécie.

No primeiro capítulo de *A poética do espaço*, Bachelard completa que “a casa é nosso canto no mundo” (1978, p.200), colocando o lar como um importante ponto de referência na vida do ser humano, que merece ser estudado aprofundadamente, não apenas do ponto de vista da arquitetura, mas também com um olhar para a pessoa e os significados que rodeiam o seu habitar. Sendo que há muito a se explorar neste “canto de mundo”, tão vasto e cheio de significados, é de grande valia a investigação das nuances entre o que nos é apresentado via as imagens e os porquês que estão ali escondidos.

Um bom exemplo é um lar de Paraisópolis, em que vemos via a abertura de sua porta, um ambiente bastante precário e que aparenta ser de difícil

locomoção, além de bastante improvisado. Ao mesmo tempo, na parte interna da casa, sua moradora apresenta o seu lar com bastante cuidado, arrumado e inclusive com objetos que transmitem paz e carinho. Sendo este, sem dúvida, o seu canto de conforto em um mundo tão difícil – suprindo uma falta importante.



Figura 25 – Fotografia da entrada de uma casa de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012).

Observa-se, então, que assim como no estudo da Semiótica, a análise psicanalítica também privilegia o entendimento da linguagem para compreensão, neste caso, do ser humano. Portanto, as imagens dos lares continuarão a ser estudadas, porém sob outra perspectiva, a da psicanálise.

Neste contexto, o inconsciente terá um papel importante, colocando em foco o significante, como explicam em *O que é psicanálise*, Oscar Cesarotto e Márcio Peter de Souza Leite (1985, p. 54):

Lacan se serviu dos recursos da linguística para reler o conceito freudiano do inconsciente a partir da perspectiva da linguagem. Só que, fazendo isso, modificou a ideia original saussuriana, propondo a

seguinte construção: S/s (...) porque o significante (indicado com maiúscula tem preeminência sobre o significado (com minúscula)).

Ao realizar uma primeira análise comparativa dos lares de Paraisópolis e do Morumbi sob este aspecto, um fator chama bastante atenção: a recorrência da escrita do nome de pessoas em objetos decorativos e paredes. Isto tende a ocorrer principalmente em quartos infantis, dando um indicativo da compreensão do significado via o significante para essas pessoas.

Ao colocar o nome da pessoa que é a dona do cômodo estampada em algum objeto, como abaixo pode ser visto Kauany escrito na parede de Paraisópolis, e Maria, no azulejo do Morumbi, há um reforço sobre o pertencimento e sua posse.

O mais interessante, no entanto, é que este comportamento se assemelha muito nos dois tipos de lares. Apesar de esteticamente diferentes, a motivação é muito similar, tornando estes dois lares muito mais próximos do que parecem a primeira vista.



Figuras 26 e 27 - Fotografias de quartos de crianças em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Outro fator percebido como bastante semelhante é a forma como são expressas emoções nestes lares: sonhos e desejos são destacados em formas de coração, palavras, símbolos religiosos. Apesar de também apresentarem formas estéticas bastante diferentes, a análise dos significados *versus* seus significantes também demonstram uma grande proximidade entre estes lares.

Em um primeiro olhar, pode-se perceber que no lar do Morumbi há maior uso dos recursos da linguagem verbal, enquanto em Paraisópolis a linguagem visual predomina. No entanto, o pano de fundo das escolhas evidenciadas nos lares parece bastante similar – são colocados em destaque desejos: mais amor, mais carinho, maior espiritualidade, etc.

Vale, inclusive, citar uma curiosidade mencionada pela moradora do lar do Morumbi, referente ao objeto “LOVE” (amor, em português), que possui em sua sala. Frequentemente, este está virado de costas, com a mensagem “OLEV” de frente, uma vez que esta possui uma ajudante que realiza faxina semanalmente no seu lar. A ajudante, moradora de Paraisópolis, age desta maneira, uma vez que não compreende o significado da palavra “Love” em inglês.



Figuras 28 e 29 - Fotografias de salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Por isso, é tão importante compreender, além do aspecto físico, as interpretações humanas e os porquês do que é colocado nos lares dos dois bairros. Assim, de forma justa, poderemos fazer as comparações necessárias.

2.2) Os três registros lacanianos

Ao analisar os aspectos humanos existentes nestes lares, é importante salientar as três dimensões do espaço habitado pelos seres falantes de Lacan, os registros do Imaginário, do Simbólico e do Real, teoria que utiliza Freud como pano de fundo e nos ajuda a fundamentar as análises sobre o comportamento humano.

O registro do Imaginário está para a primeiridade na Semiótica, é o registro da subjetividade. Cesarotto e Leite (1985, p. 59) definem o Imaginário como aquele que:

[...] constitui o plano onde se manifesta o ego. Devem ser considerados dois dos sentidos possíveis desta palavra: por um lado, quer dizer falso, apontando desta maneira à ilusão de autonomia da consciência. Por outro lado, tem a ver diretamente com as imagens, a matéria-prima a partir da qual se estrutura o ego [...] por meio de identificações.

Por outro lado, o Real está para a secundidade, sendo o registro inatingível. Para Cesarotto e Leite (1985, p. 59), o real “define-se inicialmente pela negativa: é aquilo que não pode ser simbolizado nem integrado narcisicamente [...] O real é o que é, além de qualquer interferência humana, independente dos outros registros”.

Já o Simbólico pertence à terceiridade, é o registro da lei, que para Cesarotto e Leite (1985, p. 59) “tem, na linguagem, sua expressão mais concreta: é o âmbito da palavra e suas consequências na constituição do ser humano [...] inclui o inconsciente, [...] a lei que ordena a vida dos homens e os diferencia dos animais. Ou seja, presentifica a cultura.”

A partir deste momento, portanto, este estudo focará a análise do Imaginário e do Simbólico, uma vez que o Real tem como principal característica sua inatingibilidade, como reforça em *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan*, Marco Antonio Coutinho Jorge (2014, p. 94): “o real é apresentado desde já como ‘aquela parte dos sujeitos que nos escapa na análise’, como aquilo que ‘constitui os limites de nossa experiência’”.

No entanto, apesar do foco em dois dos três registros lacanianos, é importante ter em mente que todos os registros irão sempre coexistir, pois é impossível a sobrevivência de qualquer um deles quando um não existe. Para Santaella e Nöth (2015, p.195), “o fato de serem irreduzíveis não impede que haja sempre uma simultaneidade obrigatória entre os três registros”.

Isto se explica graficamente por meio do nó borromeano, que é formado por três círculos, representando cada um dos registros, sendo que para Cesarotto e Leite (1985, p. 66), “sua característica específica consiste em que, cortando um deles, não importa qual, o os outros dois não ficam unidos”.

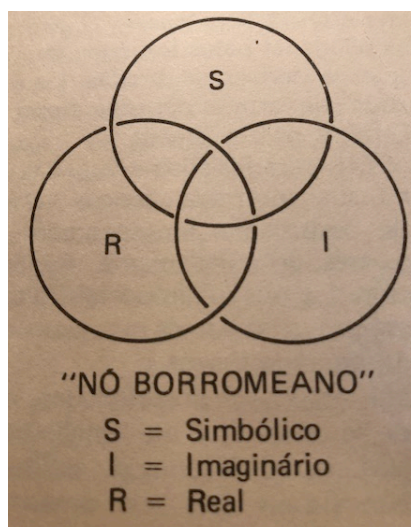


Figura 30 - Nó Borromeano e os registros lacanianos (CESAROTTO E LEITE, 1985, p. 65).

Por isto, este estudo focará a visão da Casa pelo Simbólico e do Lar pelo Imaginário, sempre levando em consideração como pano de fundo a existência do Real e a coexistência entre os três registros.

2.2.1) A casa pelo registro do simbólico

Apesar do contexto ao qual pertencem as casas do Morumbi e de Paraisópolis, analisado pela Semiótica, no qual o principal fator é a diferença entre o bairro *versus* a favela ou mesmo a comunidade, outro aspecto deve ser estudado considerando a dimensão simbólica.

Isto porque, apesar da existência do muro, claramente explorada e principal referência no convencimento da distância dos dois lados, um fator simples e básico deve ser considerado: dos dois lados existem casas, ou lugares para moradia. Isso porque este “canto de mundo”, independente de seu tamanho ou estética, possui uma representação clara para seus moradores e os mesmos benefícios para os mesmos, sejam estes funcionais, como de proteção e segurança, por exemplo, ou mesmo emocionais, como “pouso”, conforto, ponto de encontro da família.



Figura 31 - Muro entre Paraisópolis e Morumbi (Exame.com, 2011)³.

Neste caso específico, há alguns fatores que aproximam ainda mais aqueles que vivem nestas casas. O fato de viver próximos de avenidas perigosas em termos de assaltos, como a Avenida Giovanni Gronchi e a Avenida Hebe Camargo, alguns comportamentos são também comuns entre

³ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/morumbi-tem-mais-um-arrastao-em-predio/>, acesso em 24/06/2018.

ambos, como evitar deixar a casa em determinados horários, buscar mais proteção e segurança para suas casas, etc.

Um bom exemplo é o simbolismo que a porta carrega nestes dois lares de maneira muito similar. Existe um fator de identificação importante, que é a numeração, que é colocada da mesma maneira em ambos os casos, conforme exemplo abaixo, apesar da estética diferente. No entanto, o significado da porta trancada e inteira fechada, seja pela própria madeira ou grades no vidro, também demonstram o seu papel de segurança, importante em ambos os casos – separando o que está do lado de fora, muitas vezes considerado maléfico, do que está do lado de dentro.



Figuras 32 e 33 - Fotografias de portas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

2.2.2) O lar pela perspectiva do imaginário

Dentro destes lares, por sua vez, não se encontra apenas o que seria considerado benéfico, contrário de tudo que está do lado de fora da porta. Observam-se também semelhanças significativas entre o que é valorizado nestes lares, naquilo que compõe o Imaginário de seus habitantes.

Mais uma vez, é necessário desligar-se do fator estético que os faz diferentes para focar as semelhanças existentes nos objetos estudados, e dessa maneira, compreender este Imaginário tão similar.

O valor atribuído ao casamento é o primeiro deles. Seja por meio de fotos ou objetos, o culto ao matrimônio é um fator observado por ser bastante comum nos dois lares, remetendo inclusive à valorização do amor e do casal que mora naquele lar:



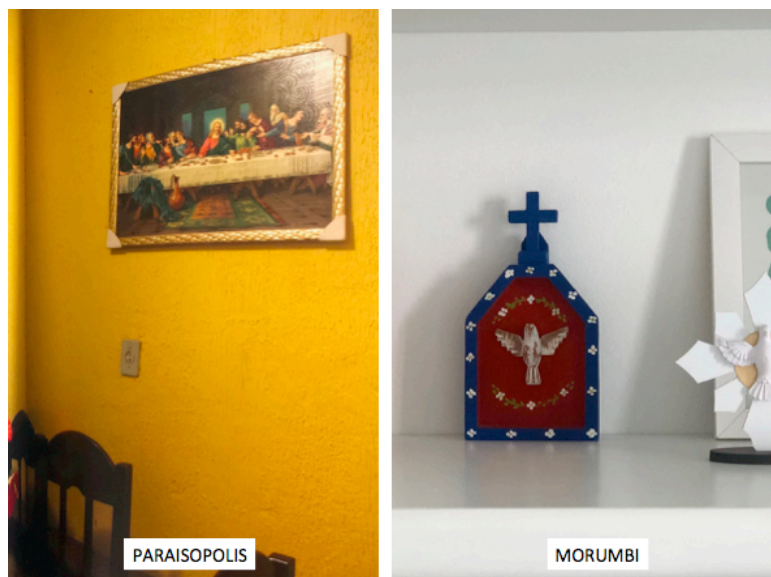
Figuras 34 e 35 - Fotografias de objetos nas salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Outros objetos valorizados em ambos os lares foram garrafas de bebidas alcoólicas colocadas em destaque nas salas destes lares:



Figuras 36 e 37 - Fotografias de bebidas nas salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Os próprios artigos religiosos também são bastante valorizados, ganhando bastante evidência em ambos os casos:



Figuras 38 e 39 - Fotografias de artigos religiosos nas salas em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Bem como o destaque para a cor rosa e os objetos mais valorizados em quartos de meninas na faixa etária dos dez anos, tais como bonecas e livros que estão colocados em prateleiras:



Figuras 40 e 41 - Fotografias de artigos quartos de meninas de dez anos em lares de Paraisópolis (CASTELLO BRANCO, 2012) e Morumbi (FONSECA, 2017).

Com base nestes exemplos, percebe-se que a semelhança fundamental entre estes lares está cada vez mais clara, apesar de permanecerem escondidas pelas suas diferenças estéticas. Visivelmente, sob o olhar da Psicanálise, as motivações dos moradores destes dois lados do muro são muito próximas.

2.3) A falta como ponto em comum

É importante reforçar ainda, por meio das teorias da Psicanálise, que entre os três registros lacanianos, se coloca o objeto “a”, que resumidamente, representa a falta. Presente nos três registros, uma vez que se localiza na interseção deles, Lacan posiciona o objeto “a” com um caráter faltoso. É como um furo no inconsciente.

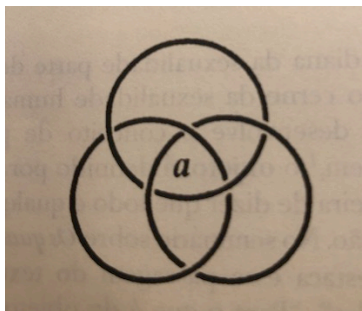


Figura 42 - Nó Borromeano e objeto “a” (COUTINHO JORGE, 2000, p. 140).

Este furo, no entanto, não parece ser aceito e a busca por completá-lo é constante. Coutinho Jorge (2014, p. 139), cita Freud, ao dizer que “o encontro do objeto é sempre um reencontro, é um objeto perdido que o sujeito busca reencontrar.”

A busca pelo reencontro, portanto, pode representar aqui o ponto comum entre os dois lados do muro com relação aos seus lares. Neles, os moradores de ambos os lados, depositam todos os seus desejos, suas esperanças, tudo que falta dentro deles mesmos. Por isso, são encontradas muitas expressões religiosas, de proteção, imagens de pessoas queridas, de sentimentos, como o amor, por exemplo.

Desta forma, pode-se perceber que o estudo dos lares deve ser ainda mais profundo, considerando não apenas o aspecto físico dos mesmos, mas também o fator psicológico daqueles que ali vivem. Afinal, dentro de suas casas, os seres humanos podem estar escondendo muito do que se passa nos seus inconscientes. Sendo o contrário verdadeiro: o lar está cheio de pistas para desvendarmos razões e motivos das escolhas realizadas por seus habitantes, na busca pelo que falta dentro deles mesmos.

Capítulo 3

As referências de ambos os lados do muro

muro

mu-ro

sm

1 Parede forte, em geral de pedra ou alvenaria, que veda ou protege um recinto ou separa um lugar de outro.

2 Qualquer equipamento ou estrutura defensiva ou de resguardo; anteparo, defesa, proteção.

3 Tudo o que sirva para proteger de um agente exterior; anteparo, couraça, defesa.

4 Lugar fechado onde ficam resguardadas as colmeias.

(Dicionário Michaelis on-line – 2018)

Para compreender mais profundamente os dois lados do muro, suas semelhanças e diferenças, é importante entender mais a fundo seus habitantes, suas motivações pessoais e referências com relação aos seus próprios lares.

Desta forma, uma conversa com moradoras de Paraisópolis e do Morumbi foi proposta com uma abordagem de entrevista em profundidade, da pesquisa qualitativa, para aprofundar os temas.

Além disso, uma análise da influência midiática também se fez necessária para compreender na fonte algumas motivações comuns entre os dois lados.

3.1) Os pontos de vista de seus habitantes

Uma pesquisa qualitativa, então, foi realizada com uma moradora de Paraisópolis e uma do Morumbi, sendo ambas responsáveis pelas casas onde moram e do sexo feminino para evitar algum viés que poderia ser gerado pela diferença de gêneros, conforme Anexos 2 e 3 (2018) deste estudo.

Analisando as suas declarações, pode-se observar uma semelhança bastante grande com relação às respostas dadas pelas habitantes do Morumbi e de Paraisópolis. Logo na introdução, ao compreender as origens daquelas famílias, percebe-se que ambas não tiveram início naquele bairro ou comunidade. Aprofundando um pouco a pesquisa sobre o seu nível de

conhecimento de famílias onde vivem, ambas citam que a maior parte das pessoas que vive ali veio de outro estado, cidade ou bairro de São Paulo, o que já é uma característica importante e que explica algumas similaridades com relação a comportamento.

Com relação à composição familiar, ambas são bastante semelhantes, vivem com marido e um filho, além de um animal de estimação. No caso do Morumbi, um cachorro, em Paraisópolis um gato.

A rotina em que vivem também tem uma motivação bem parecida, apesar da entrevistada de Paraisópolis trabalhar fora de casa, exercendo a profissão de manicure, e a entrevistada do Morumbi ser dona de casa. Ambas baseiam suas rotinas nos horários de seus filhos, para buscá-los na escola, nas atividades que fazem e garantir que, ao fim do dia, tenham um horário razoável de jantar e dormir.

Sobre a sua relação com suas casas, é importante comparar alguns aspectos:

	Paraisópolis	Morumbi
Sua casa para você	Conquista	Aconchego
Sua casa para os outros	Ponto de encontro	Confortável
Lar x Casa	Mesma coisa	Mesma coisa: Físico + Afeto
Referências para casa	Novelas na Televisão	Revistas
Cores	Tranquilidade, neutra	Tranquilidade
Porta	Segurança	Segurança
Fotos de família	Muito importantes	Muito importantes
Religião	Paz: bíblia, santos pela casa	Paz: Espírito Santo, crucifixo
Proteção	Fitinha do Sr. do Bonfim na porta	Espelho e Olho Grego na porta

Figura 43 – Tabela comparativa a partir da pesquisa qualitativa – Anexos 1, 2 e 3

Durante as entrevistas, percebe-se o aspecto emocional da ligação que suas habitantes possuem com suas casas. Isto porque, apesar de respostas

muitas vezes diferentes, pode-se inferir que em todas elas há um apelo emocional sobre o local em que vivem.

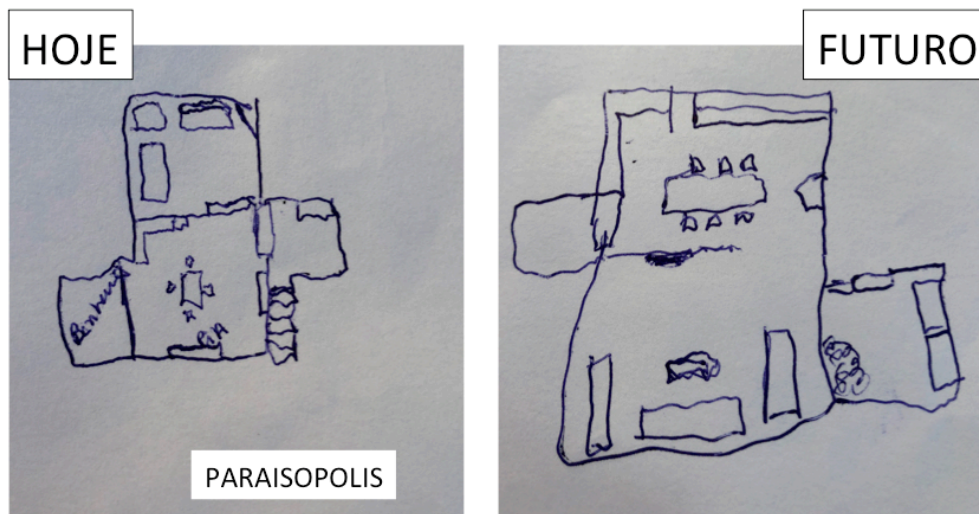
Enquanto a moradora de Paraisópolis expressa que “minha casa é o lugar que preciso chegar todo dia e ter a certeza de que ali eu posso descansar. Eu passei o dia todo trabalhando, resolvendo as coisas que preciso resolver e saber que eu posso relaxar é muito importante” (2018, Anexo 2) , a entrevistada do Morumbi apresenta uma citação muito similar se referindo ao seu lar: “ali é um espaço só meu, que eu faço tudo do meu jeitinho para quando eu estiver em casa possa ter um sentimento de aconchego, de bem estar. Isso para mim é uma conquista” (2018, Anexo 3).

Ao analisarmos o significado da casa para elas e para os demais, este também aparece bastante pelo seu lado emocional, envolvendo sempre sentimentos de pessoas – demonstrando que o lar realmente não se faz apenas por seus objetos, mas pelo movimento daqueles que ali vivem e convivem.

Com relação aos objetos, por sua vez, mesmo apresentando diferenças como visto anteriormente na análise semiótica, a motivação que está por trás deles é muito próxima, seja na segurança que a porta traz ao lar, na importância das fotos de família, na paz da religião ou até mesmo em objetos que oferecem proteção.

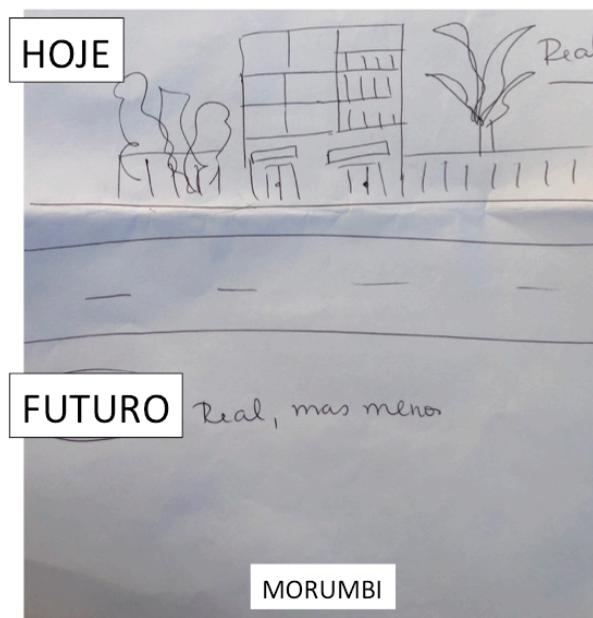
No entanto, nas entrevistas ainda há algumas diferenças significativas que devem ser mencionadas. Principalmente no que diz respeito ao futuro. Enquanto a entrevistada do Morumbi não apresenta nenhuma ambição material com relação ao seu lar, a habitante de Paraisópolis ainda possui sonhos de posses futuras, o que demonstra que a distância entre esses lares ainda é muito mais pautada pelo aspecto econômico do que por qualquer outro.

Como podemos ver nas imagens a seguir, a moradora de Paraisópolis sonha em ter um espaço maior em sua casa, e também verbaliza a necessidade da compra de uma máquina de lavar roupas.



Figuras 44 e 45 - Fotografias de desenhos realizados pela entrevistada moradora de Paraisópolis: sua casa hoje e no futuro (FONSECA, 2018 – Pesquisa Qualitativa, Anexo 2).

Enquanto isso, a entrevistada do Morumbi sonha em manter o que tem hoje, inclusive com a possibilidade de ter um espaço menor no futuro, principalmente quando não tiver mais o filho morando em sua casa.



Figuras 46 e 47 - Fotografias de desenhos realizados pela entrevistada moradora do Morumbi: sua casa hoje e no futuro (FONSECA, 2018 – Pesquisa Qualitativa, Anexo 3).

A única semelhança sobre o futuro mencionada por ambas é com relação a ter um espaço mais prático e “*clean*”, como foi mencionado anteriormente. O que parece ser uma tendência valorizada pela mídia, tanto pela televisão, quanto pelas revistas, meios que são referências para as duas entrevistadas.

Portanto, é importante compreender também, por fim, o papel desses meios para que possa ser dada uma visão panorâmica, e com diversos pontos de vista para essa análise.

3.2) O papel da mídia e da propaganda nesse contexto

Como visto anteriormente, o papel da mídia é bastante importante ao ditar comportamentos, inclusive na escolha estética e funcional dos lares, tanto no Morumbi, quanto em Paraisópolis.

Sabe-se que há um contexto econômico que diferencia o potencial de cada lado deste muro para adquirir móveis e objetos decorativos conforme dita a mídia. No entanto, já se vê em redes sociais a ascensão de vídeos e conteúdos que ensinam o “*do it yourself*” ou “faça você mesmo”, possibilitando o acesso a diversos objetos estéticos, independente do seu preço.

Por isso, vale analisar as referências às quais são expostos os habitantes dos lares aqui estudados para compreender uma possível diferença estética nos ambientes em que vivem, uma vez que percebeu-se, ao longo desse trabalho, que a motivação e os comportamentos parecem ser bastante semelhantes.

A primeira análise diz respeito a um meio de comunicação bastante voltado às classes sociais mais altas, neste caso representado pelo público do bairro do Morumbi. Nesse caso, a revista “Casa e Jardim”, conforme a imagem em seguida, apesar de colocar as cores em evidência, ainda a apresentam com bastante sobriedade e como detalhes de um ambiente neutro, em tons de bege e marrom – o que explica as escolhas estéticas vistas ao longo desse trabalho.



Figura 48 – Capa Revista Casa e Jardim (Site Casa e Jardim, 2018)⁴.

Neste mesmo caminho, as lojas Etna em sua propaganda também priorizam um ambiente sóbrio, com alguns leves toques de cor, sem predominância das mesmas, conforme analisamos na figura em seguida.



Figura 49 – Propaganda Loja Etna (Youtube, 2016)⁵.

⁴ Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com>, acesso em 24/06/2018.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ksBQnmQTYfY>, acesso em 24/06/2018.

Por outro lado, quando analisamos referências de classes mais populares, que podem ser representadas pelos lares de Paraisópolis, as cores e os ambientes mais sobrecarregados passam a dominar o espaço da comunicação.

Esse é o caso da comunicação das Casas Bahia, que coloca em evidência um sofá colorido e diversos outros objetos em cores fortes, que chamam bastante atenção, muito similar ao que pode ser observado ao longo dessa monografia nas fotografias de Paraisópolis.



Figura 50 – Propaganda Casas Bahia (Portal Grandes Nomes da Propaganda, 2018)⁶.

O próprio *layout* utilizado na comunicação se dá dessa maneira, com bastante conteúdo visual e cores muito fortes que atraem a atenção dos nossos olhares, como é o caso da comunicação da Marabraz, na imagem em seguida.

⁶ Disponível em: <https://grandesnombresdapropaganda.com.br/anunciantes/casas-bahia-aposta-em-nova-linguagem-na-campanha-para-tv-por-assinatura/>, acesso em 24/06/2018.



Figura 51 – Propaganda Lojas Marabraz (Site Falando de Varejo, 2017)⁷.

3.3) As referências bilaterais: o papel das novelas

Assim como a mídia possui o seu público-alvo, as emissoras de televisão também possuem públicos prioritários a serem atingidos por seus conteúdos. Suas produções são pensadas para agradar determinadas camadas da população e seguem tendências de mercado e o próprio contexto social para escolherem o que será veiculado.

Com base no contexto sócio-econômico dos últimos anos, portanto, a rede Globo, emissora que mais atinge pessoas no Brasil, ampliou o seu público, até então muito voltado às classes mais altas, para atingir também as classes mais baixas.

Com isso, criou novelas como “I love Paraisópolis” (2015) e “Avenida Brasil” (2012), com referências bastante claras da própria comunidade ou favela brasileira, evidenciando suas escolhas e preferências estéticas.

⁷ Disponível em: <http://www.falandodevarejo.com/2017/01/rede-de-lojas-marabraz-anuncia.html>, acesso em 24/06/2018.

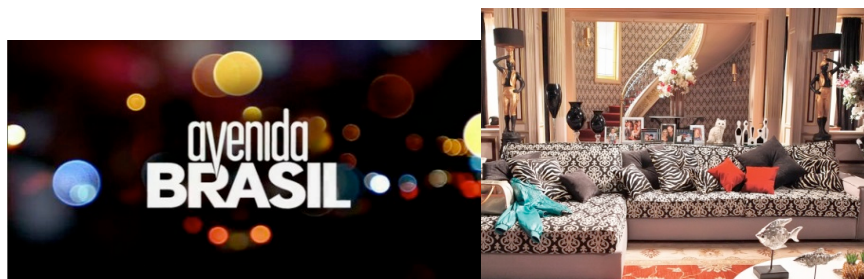
Nesse momento, portanto, começou-se a observar uma inversão na influência que ocorria até esse momento: dos lares do Morumbi ditarem os modismos e tendências do que seria visto em Paraisópolis. As escolhas estéticas da comunidade também passaram a ser valorizadas, sendo vendidas em lojas de luxo do Morumbi e muito utilizadas no bairro.

Esse foi o caso dos crochês, das rendas, do fuxico e até mesmo das estamparias antes conhecidas como “de onça” ou “de zebra” e hoje denominadas “*animal print*” em almofadas, tapetes, roupas de cama, etc.

Essa inversão, portanto, nos demonstra que apesar da distância do senso estético observado ao longo desse trabalho, e considerando a mesma motivação por trás dessas escolhas, o Morumbi e Paraisópolis não estão tão distantes quanto se pensava. E a mídia pode ter um papel fundamental para comunicar e deixar claro que essa proximidade e essa troca existem de uma maneira fluida e natural.



Figuras 52 e 53 – Novela i Love Paraisópolis (Site GShow Globo, 2018)⁸.



Figuras 54 e 55 – Novela Avenida Brasil (Site GShow Globo, 2018)⁹.

⁸ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/i-love-paraisopolis/>, acesso em 24/06/2018.

⁹ Disponível em: <http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/>, acesso em 24/06/2018.

Considerações Finais

Ao estudar as fotografias de dois lados do muro tão complexos e cheios de diferentes nuances, foi de extrema importância considerar diferentes perspectivas acadêmicas. As teorias da Semiótica e da Psicanálise, somadas à abordagem de pesquisa qualitativa foram de grande valia para avaliar as hipóteses colocadas no início deste projeto.

Com base nelas, foi possível observar claramente as diferenças estéticas e visuais dos lares de Paraisópolis e do Morumbi, mas ao mesmo tempo confirmar que as motivações e desejos dos dois lados do muro os aproximam muito mais do que afastam.

Isto porque, apesar da existência do muro entre o que chamamos de bairro, o Morumbi, e da favela, Paraisópolis, a diferença entre eles pode estar muito mais nos nossos imaginários do que pensamos. As diferenças econômicas parecem ser, de fato, o que separam estas duas comunidades.

Uma linha de pensamento, após a leitura deste estudo, poderia, inclusive, propor a união de ambos. Não por proximidade física, pois esta sempre foi clara, mas por uma proximidade humana – que parte do pressuposto que somos todos iguais e que ali as diferenças impostas podem estar sendo preconceituosas, no sentido de pré-concebidas somente em função das diferenças econômicas – sem um argumento mais profundo que as justifique.

Por meio das teorias da Psicanálise, ainda, percebemos que a busca pelo que “falta” nestes habitantes dos dois lados pode torná-los ainda mais próximos, uma vez que a motivação por trás de todas as escolhas realizadas naqueles lares passa por esse ponto em comum. Todos estes moradores depositam seus desejos, esperanças e o que falta dentro deles mesmos nas expressões e manifestações dentro de seus lares, sejam religiosas, de afeto, etc.

Portanto, a falta explica de maneira positiva as similaridades destes lares e as motivações que puderam ser vistas com clareza ao longo deste trabalho.

No entanto, a falta também pode nos ajudar a compreender a necessidade do muro para um dos lados, neste caso, o Morumbi, uma vez que para muitos de seus moradores, alguns marcos simbólicos se tornam essenciais para suprir uma falta de exclusividade, diferenciação e separação do rico *versus* o pobre, afastamento puramente econômico, ou mesmo do bairro *versus* a favela, afastamento unicamente linguístico.

Este estudo propõe, portanto, a queda destes símbolos que separam estes dois lados, por meio da não existência do muro imaginário e a unificação da nomenclatura de ambos como bairros, uma vez que são ambos uma “porção de território, povoado nas cercanias de uma cidade, povoado, arraial, distrito, cada uma das partes em que se divide uma cidade ou vila, para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar administração pública mais eficaz” (Dicionário Michaelis on-line – 2018).

Com uma visão otimista sobre este aspecto, ao observar movimentos como os que a televisão brasileira tem realizado em suas novelas, como mencionado ao longo do trabalho, este caminho vem sendo traçado e muito em breve, esta proposta estará disseminada. Com a queda do muro imaginário e a aceitação de uma convivência mais próxima e colaborativa, a fotografia dos dois lados do extinto muro, no futuro, poderá até nos enganar. Quem sabe, as diferenças estéticas fiquem cada vez menos óbvias, tornando o Morumbi e Paraisópolis um único bairro, com distinções cada vez menores e menos preconceito.

Referências bibliográficas

CASTELLO BRANCO, Renata. **Paraisópolis – uma cidade dentro da outra**. Fortaleza: Tempo d`Imagem, 2012 (Livro sem numeração de páginas).

SANTAELLA, Lucia. **Teoria Geral dos Signos**. São Paulo: Pioneira, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, Semiótica, Mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

JUNGK, Isabel. Métodos para a investigação do real. **Teccogs: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, TIDD | PUC-SP, São Paulo, n. 12, p. 37-65, jul-dez. 2015.

COUTINHO JORGE, Marco Antonio. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

CESAROTTO, Oscar e LEITE, Márcio Peter de S. (1984). **O que é psicanálise**, 2a VISÃO. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1978

MENEZES MASAGAO, Andrea. **Habitats**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

SITES CONSULTADOS:

PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com>

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>

REVISTA EXAME. Disponível em: <https://exame.abril.com.br>

REVISTA CASA E JARDIM. Disponível em:

<https://revistacasaejardim.globo.com/>

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com>

PORTAL FALANDO DE VAREJO. Disponível em:

<http://www.falandodevarejo.com>

NOVELA I LOVE PARAISOPOLIS. Disponível em:

<http://gshow.globo.com/novelas/i-love-paraisopolis/>

NOVELA AVENIDA BRASIL. Disponível em:

<http://gshow.globo.com/novelas/avenida-brasil/>

Anexos

ANEXO 1: Roteiro da Pesquisa Qualitativa

Realizado em 2 entrevistas em profundidade com mulheres de 35-50 anos → 1 moradora do Morumbi e 1 moradora de Paraisópolis

Apresentação

- Conte um pouco sobre você:

- Origem e onde mora atualmente
- Com quem mora – quantas e quais as pessoas
- Existe algum animal de estimação vivendo com você?
- Rotina – como se dá o seu dia a dia
- Ocupação

A casa

- O que a sua casa representa para você?

- Represente em uma palavra o significado dela para você
- Desenhe a sua casa em 1 minuto
- Existe diferença entre lar e casa para você?

- O que a sua casa representa para os outros?

- Qual seria a palavra utilizada pelos outros para representar a sua casa?

- O que é mais importante na sua casa para você?

- Do que você não abre mão na sua casa? Um cômodo, um objeto, algum eletrodoméstico?
- Hoje, qual a sua maior conquista quando você pensa na sua casa?
- Existe algo que você hoje não tenha dentro de casa e que sonha em ter? Pode ser material, emocional ou mais de um.

Os significados

- Sabemos que em casa expressamos muita coisa. Gostaria de entender com você a fundo o impacto na sua casa de alguns aspectos importantes:

- A porta
- Cores
- Tamanhos
- Cheio x Vazio (clean)
- Religião
- Times de futebol/ esportes
- Fotos de família
- Roupas estendidas
- Desejos / Conquistas expressos

As influências

- Onde você busca referências para decorar/ enfeitar a sua casa?

- Papel da família/ amigos
- Papel da mídia: televisão, revistas, internet
- Papel da propaganda

- Você acredita que os lares de Paraisópolis são muito diferentes dos do Morumbi? Porque?

- Aspecto decorativo e visual
- Aspecto emocional

Encerramento

- Para finalizar, como você acredita que será a sua casa no futuro, em 2030?

- Represente em uma palavra o que será
- Desenhe a casa do futuro em 1 minuto

ANEXO 2: Entrevista Moradora Paraisópolis (Rosângela)

- Meu nome é Rosângela, nasci em São Paulo, em Embu, mas me mudei bem novinha para a Bahia. Só com 16 anos voltei a morar mesmo em São Paulo, mas no Embu de novo. Faz 10 anos que vim para Paraisópolis.

- Sim, conheço bastante gente que mora lá, mas que não é daqui. É o que mais conheço na verdade. Gente de Pernambuco, Ceará, Minas e aqui do interior mesmo...

- Hoje, moro apenas com o meu filho (8), meu marido e meu gato.

- Trabalho de terça a sábado como manicure. Saio de casa para deixar meu filho na escola e já vou direto trabalhar. Na volta, passo para buscar meu filho em uma amiga, geralmente paro no mercado para comprar alguma coisa que falta e vou para casa. Chego umas oito horas, faço o jantar, a marmitta do dia seguinte e vejo a novela.

- Minha casa é o lugar que preciso chegar todo dia e ter a certeza de que ali eu posso descansar. Eu passei o dia todo trabalhando, resolvendo as coisas que preciso resolver e saber que eu posso relaxar é muito importante.

- Para mim, minha casa é uma conquista. Eu sei o quanto a gente lutou para estar ali.

- Casa e lar para mim é a mesma coisa. Tem diferença?

- Para os outros, minha casa é ponto de encontro. Toda hora tem gente lá. A gente deixa a casa cheia de amigos do Cesar (filho)...

- Hoje eu não abro mão de confiança. A gente tem que confiar na família, nos filhos...

- Ah! Eu sonho com uma máquina de lavar. Eu lavo tudinho na mão. Eu sei que fica melhor, mas dá muito trabalho. Você não tem ideia...

- A porta para mim é importante para arejar, para as pessoas poderem entrar, mas no final é o que nos dá segurança. Precisa ficar fechada.

- As cores, prefiro as claras, brancas, o que vai me dar tranquilidade.

- Eu tenho bastante coisa de religião mesmo. Dá uma paz, sabe? Tenho uma bíblia na frente da minha cama, uma Nossa Senhora Aparecida de frente para

a porta. Uma fitinha do Senhor do Bonfim na porta. Ah! Esse é para me dar proteção.

- Tenho várias fotos da minha família, mas muitas estão guardadas. Preciso até pegar de novo. Eu guardo tudo porque não tenho espaço, mas se eu pudesse, queria ter bem espalhadas para ver toda hora!

- Eu adoro coisas de casa. Fico prestando atenção sempre, mas no final é mais em novela mesmo. Adoro o que passa na TV.

- No futuro, eu queria que muita coisa fosse igual, sabe? Que a minha família continuasse com saúde, desse jeito que a gente vive...

- Sobre a casa? Queria mais espaço. Principalmente na lavanderia. Mas nada muito grande também para não dar trabalho.

- Acho que eu queria também mais plantas e um espaço branco, claro. Acho que fala 'clean'. Um espaço assim com os meus armários da cozinha embutidos. Isso que eu queria!

ANEXO 3: Entrevista Moradora Paraisópolis (Sandra)

- Sou a Sandra, sou carioca e me mudei para São Paulo em 2001. Há 17 anos, eu moro no Morumbi, sempre no mesmo prédio, mesmo me mudando duas vezes de apartamento.

- Ah! Eu conheço bastante gente do Rio que mora por aqui também. Acho que deve ter bastante gente de fora morando aqui. Acho que do interior também!

- Moro com meu marido, minha filha (12) e uma cachorrinha, de um aninho.

- Eu parei de trabalhar faz um tempinho já. Então hoje, acabo ficando muito em função da rotina da Duda (filha). Acordo ela, dou café e coloco ela no carro para ir para escola. Tomo meu café, faço ginástica e começo a arrumar as coisas de casa, vejo o que vai ser para o almoço, sempre tem alguma coisa para resolver e já está na hora de buscar ela na escola. Depois, levo ela no inglês ou na dança e chego em casa já para jantar e dormir. Só fim de semana que sai totalmente disso. Aí cada fim de semana é um diferente!

- Minha casa? Ali é um espaço só meu, que eu faço tudo do meu jeitinho para quando eu estiver em casa possa ter um sentimento de aconchego, de bem estar. Isso para mim é uma conquista.

- Lar e Casa para mim é a mesma coisa. A única diferença é que um é mais ligado ao afeto, que junta as pessoas, e o outro é mais físico.

- Para as outras pessoas, eu acho que eles vem minha casa como confortável. É tão difícil dizer, mas acho que é isso mesmo!

- Da minha casa eu não abro mão do ambiente que eu construí. Precisa continuar sendo agradável, gostosa, dar prazer para eu cuidar. Ter as pessoas por perto.

- Sonho? É difícil...acho que não tem nada que eu sonhe assim...tipo, querer muito uma coisa? Se tiver que pensar muito em uma coisa, talvez eu trocasse os eletrodomésticos por novos. Mas na verdade, nem preciso...

- A porta? Com certeza, segurança. Precisa estar sempre fechada.

- As cores para mim transmitem tranquilidade. Eu prefiro tudo claro.

- Acho que tenho um símbolo em cada quarto. Crucifixo, Nossa Senhora, Espírito Santo...é para trazer paz mesmo. Olho grego vale? Eu tenho um bem na porta para proteger a casa. Tenho também um espelho bem de frente para porta para voltar os sentimentos ruins das pessoas que chegam em casa.

- As fotos de família são super importantes para mim. Eu adoro. Tenho em tudo que é canto...fico lembrando da Dudinha pequena...

- Ah! Eu pesquiso bastante, mais até em revista, tipo Casa Claudia, Casa Vogue, sabe? Tenho uma amiga também que costuma vir em casa e me ajudar. Ela tem um super bom gosto.

- Acho que no futuro, minha casa vai ser “casa de Vó”, eu acho que vai ser menor o que a de hoje, mas eu quero que seja tudo de fácil manutenção, prática mesmo. Minha filha que diz que tem que ser tudo ‘clean’.